

O CANTEIRO DE OBRAS DAS MULHERES PEDREIRAS

Memórias e narrativas de uma experiência transgressora feminina

Mônica Maria da Silva¹

RECIFE, 2022

¹ Mônica Maria da Silva é atriz, professora e pesquisadora em teatro. Com dupla diplomação, sendo licenciada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Universidade de Évora (UÉ) em Portugal pelo Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), financiado pela CAPES-Brasil em 2015. Atualmente, mestranda em teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Professora orientadora, Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra.

O ano era 1994. Estava com nove anos quando minha família e eu nos mudamos para Peixinhos. Naquela época, em um terreno próximo da nossa casa, 78 mulheres², em regime colaborativo, construíram suas moradias com as próprias mãos, enquanto seus maridos permaneciam em casa tomando conta dos filhos ou trabalhando. E alguns deles, já nem se consideravam mais da família. Foram as companheiras partindo para a construção das casas e muitos pedindo a separação.

Este bairro periférico e símbolo de muitas lutas, desde sua formação até a presente data, será nosso ponto de partida para uma reflexão a partir da construção singular que foi a Vila das Mulheres Pedreiras. Tendo seu início, bem antes de tijolos, cimento e areia serem traçados pelas futuras moradoras daquela localidade. O sonho de ter a casa própria, era o motor dos desejos.

O projeto Mulher Constrói, idealizado pela Federação das Mulheres de Pernambuco, e também pela Confederação das Mulheres do Brasil em convênio com a Companhia de Habitação Popular de Pernambuco (Cohab), deu apoio ao incentivar as mulheres para construírem suas moradias. O governo de Pernambuco na época, concedeu o terreno. Uma área de aproximadamente 2,2 hectares para as casas serem construídas com 44m², com seis cômodos. Projeto este que no ano de 1996, foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um dos modelos para atenuar o déficit habitacional no mundo.

Vindas de regiões adjacentes e também periféricas que compunham e compõe a cidade do Recife, as mulheres que ali cravaram estruturas de ferro no chão para sustentar as paredes de suas casas, sustentavam também suas bagagens de vida e com elas, a falta de moradias. Ergueram forças que as impulsionaram para adentrar naquelas terras desconhecidas, que outrora já tinha sido “[...] terra de índio, terra de homens valentes de peixeira na cinta” (PAULA, 2009, p.12), tiveram para construir suas casas, um espaço delimitado, não por elas, de 44m² e até a data deste escrito, elas ainda não têm o título de posse de suas casas. Estando esse trâmite na justiça local, devido a questões de ordens burocrática e política.

Como objetivo para esta pesquisa está a elaboração de um texto dramatúrgico a partir de memórias e vivências de remanescentes do processo de construção da Vila de Mulheres Pedreiras na comunidade de Peixinhos – Olinda, no entanto, o que o antecede?

² Farei referências nesta escrita as mulheres específicas da vila por estarem inseridas num contexto delimitado no tempo e no espaço, de um acontecimento singular. Sem generalizações, sabendo que os contextos das mulheres são diversos não sendo possível abarcar a amplitude nesta escrita.

Nasci e cresci na periferia. No subúrbio. Na favela. Lá, fui forjada e permeada por histórias de mulheres construtoras de saberes incríveis sejam as mulheres da vila, as mulheres que compuseram e compõem minha família e afetada por estas histórias, faz-se uma ligação, sendo este um dos pontos de partida importante para conhecermos as fronteiras borradas nesta construção.

As mulheres passaram por cima de vários preconceitos, escreveram histórias diferentes de algumas de suas vizinhas, deixando uma marca concreta de concreto, estabelecida no tempo e no espaço. Aquela localidade, que viria a se chamar Vila das Mulheres Pedreiras, é nosso ponto de partida para a escrita.

A experiência vivida por estas mulheres, suscitou reflexões em relação às minhas ancestrais e à minha trajetória, o modo como me vejo no mundo enquanto mulher e profissional: “[...] mulheres que lutam, cotidianamente, para não serem subjugadas, para ocuparem seus lugares enquanto seres sociais” (EMIDIO e PEDROSO, 2018, p.10).

Para continuar falando das mulheres da vila, precisarei resgatar alguns acontecimentos que me ligam diretamente a elas. Ainda criança, enquanto brincava por entre as ruas do bairro, seja correndo de bicicleta, jogando bolas de gude ou empinando papagaio, ao ter presenciado a construção daquela vila, não fazia ideia que as lembranças iriam me conectar diretamente às mulheres e também nos caminhos futuros que foram por mim seguidos.

Assim como elas, também fui em busca de materiais de construção para erguer a casa dos meus pais que moram no mesmo bairro até os dias deste escrito. Durante minha infância, que foi marcada por espaços diluídos entre o que seria trabalho de homem e trabalho de mulher, lugar de homem e lugar de mulher, faço um paralelo com minha história pessoal e com a inserção das mulheres da vila no trabalho da construção civil que, ainda é majoritariamente masculino e que a sociedade insiste em segregar.

Sendo criada com mais quatro filhos homens, incluindo meu pai, foram cinco forças masculinas que, para mim, serviram de trampolim para inúmeras descobertas e aventuras naquele universo.

Como mulher periférica, tive uma percepção nítida dos lugares dos pobres e dos ricos na comunidade em que estava inserida. Por dedução, desde muito nova, percebia apenas duas opções de caminho, ou era casar, ter filhos, ser sustentada pelo marido ou envolver-se com a criminalidade abundante e envolvente ao meu redor para ter um sustento financeiro. Preferir desviar dos caminhos, pegando outras rotas como fizeram as mulheres da vila.

Ao transgredir a lógica do sistema que era cercada, fui/era/sou sempre questionada, confrontada e muitas vezes desafiada por vizinhas e vizinhos, amigos e amigas, familiares, se, realmente aquele era o meu lugar e onde era que eu queria chegar. Se eu já não tinha ido longe demais. Como poderia uma mulher periférica, fazer teatro e ainda por cima estudar noutros países? Quem diria, de Peixinhos para o mundo.

Foram muitas falas que não eram minhas então, as deixei com quem as queria falar, pois “[...] ninguém tem como falar da gente, senão nós mesmas. As nossas angústias não são transferíveis, os nossos medos não podem ser mensurados por todos, podem deixar que de mim eu falo [...]” (ALCURE, 2019. p.214).

Com o passar do tempo, a história daquelas mulheres e a experiência das construtoras de casas, permearam minha infância e continuava reverberando em mim e refletia também nas construções internas e externas que foram me configurando enquanto ser. Posteriormente, já adulta, começo a refletir sobre o vivido na infância e faço alguns questionamentos. Para citar apenas um, ao entrar na universidade, no ano de 2011 questionava o porquê de não ler dramaturgas. Eram sempre textos de dramaturgos.

Fiquei com esta inquietação na cabeça e queria escrever algo, mas não sabia por onde começar. Nos anos seguintes, entre 2016 e 2018 busquei me familiarizar com as novas perspectivas artísticas da cidade do Recife, já que tinha ficado dois anos afastada das atividades locais devido a um intercâmbio, busquei cursos para ampliar as oportunidades e voltar à cena.

Nesse ínterim, comecei a participar de cursos de curta duração, envolvendo criação em dramaturgia e atuação para audiovisual, como foi o caso dos trabalhos “Roteiro para construir EUDifícios”³ e “Diálogos de EUDifícios”, ambos registrados em documentários e filmes na internet⁴.

Nestes cursos, ministrados pelo dramaturgo e roteirista Luiz Felipe Botelho⁵, comecei fazendo uma atividade de escrita que nunca tinha sido experimentada por mim anteriormente. Desafios nos foram lançados. Construir nossas/os personagens a partir de

³ Oficina de criação de personagens para atores, realizada em plena obra de reforma de um dos edifícios da Fundação Joaquim Nabuco. A oficina culminou com apresentações realizadas no mesmo espaço, entre escombros de um processo de transformação. Realização da realizada Massangana Produções Audiovisuais Educativas – Fundação Joaquim Nabuco.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=-wjCO8SDeF4&t=533s> Acessado em 11/07/2022

⁵ Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco (1983) e mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2007). Foi analista em ciência e tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dramaturgia, atuando principalmente nos seguintes temas: criação de peças teatrais, teatro para a infância e juventude, roteirização e direção de documentários em vídeo.

uma folha em branco, ou seja, a personagem era uma construção inteiramente sua, a partir do que era sabido e trazido enquanto bagagem pessoal de vida das/os futuras/os dramaturgas/os.

Deparei-me com enormes desafios, questionamentos, inseguranças e cobranças. Será que sei escrever personagens? Não era mais “fácil” quando a/o personagem já vinha pronta/o? Que histórias irei contar? Nunca tinha sido incentivada a mostrar minhas criações, será que vou conseguir fazer agora?

Imediatamente foi feita conexão com a imagem das Mulheres da Vila construindo suas casas. Neste caso, a folha em branco seria o chão de terra batida que serviu como base propriamente dita para suas construções. A partir destas relações, reflito como poderia ser construída uma escrita dramatúrgica a partir das memórias e vivências daquelas mulheres.

Recolher informações por meio de conversas, imagens, sons, poemas, arquiteturas, ruas, lugares, pessoas e deixar tocar-se pelas possibilidades infindáveis que as histórias pessoais e cotidianas podem nos afetar. Para transformá-las em textos dramáticos, monólogos, cenas que serão levadas aos palcos, podem-se deduzir que existem dramaturgias cotidianas que estão o tempo todo ao nosso redor, criando, sendo criadas e

“[...] se a dramaturgia é da ordem das coisas que tudo significa, compreende-se que, do teatro, ela engloba o texto, evidentemente, mas também o espetáculo, o edifício, a sua relação com o público, a sua encenação, o trabalho do actor e luz, etc. Tudo, é evidentemente tudo” (DANAN, 2010, p. 11).

Como “[...] a noção de dramaturgia tem ressonâncias extremamente vastas” (DANAN, 2010, p. 11) além da “[...] arte da composição de peças de teatro” (PAVIS, 2008, p. 113) pode ser compreendida também por um diálogo entre, histórias pessoais que ganham dimensões políticas ampliando a esfera do micro, e adentrado o público, seja o público – no sentido do povo, de uma coletividade como também quem irá contemplar uma peça teatral.

No ano de 2012, no intercâmbio em terras portuguesas, nos foi proposto enquanto exercício em sala de aula, apresentação de um texto teatral de qualquer natureza, de autoria própria, um texto clássico, contemporâneo enfim. Como a saudade de casa, dos familiares e em especial de minha mãe estava grande, criei um texto que apresentava um rito de passagem de uma criança que começa sem saber calçar os sapatos e ao logo do texto ia contando as experiências, amadurecendo e compartilhando com a mãe seu

crescimento. Apresentei em sala de aula, porém, um dos comentários foi que o texto estaria pessoal, mas em momento nenhum, houve indicação para este ou aquele tipo de texto. Peguei o texto e guardei. O pessoal, naquela ocasião não foi bem visto.

Na jornada de volta para casa, mais precisamente, o retorno à vila, permeada pelas histórias da pesquisadora que morou no bairro e ao ver aquela construção, sentia a vontade de colocar a mão na massa para também construir, no entanto, era apenas uma expectadora que guardou as imagens da infância e ao se deixar afetar por elas, na fase adulta percebe que histórias podem ser contadas, assim como as casas foram construídas. E esse trânsito entre eu e alteridade, essa volta para a comunidade, mulheres que construíram e constrói, se faz fluxo contínuo.

Para isso, enquanto processo de aproximação com as mulheres da vila para ouvir suas histórias e transformá-las em textos teatral, faz-se necessário encontros com as que ainda estão entre nós e também com as que estarão disponíveis. Desses encontros, pretende-se que a pesquisadora se deixe porosa e aberta para perceber as sutilezas, as entrelinhas e o não dito que surgirão como texto e pretexto.

O que fazer com as informações recolhidas? Este cuidadoso e delicado trabalho de garimpo de poesia cotidiana, vai requerer um olhar atento sobre o que deve ser transposto para o dramaturgico que não seja apenas o olhar e as palavras de quem está fazendo a pesquisa, prevalecendo apenas às palavras e a voz de quem escreve, mas é necessário ouvir as vozes das mulheres da vila, sendo estas mulheres “[...]dramaturgas de si mesmas[...]” (PEREIRA, 2018, p.11).

Aquelas mulheres aprenderiam a construir casas se elas já tivessem as suas? Esta relação entre o não ter e o ter que aprender a fazer, foi também impulsionador para minhas reflexões sobre esta escrita. Se na vila já existisse uma peça teatral, uma escrita cênica, um monólogo pronto que contasse aquela história, o interesse e o desafio seriam os mesmos? A relação entre, não ter e ter que fazer, desde a construção das casas, feita pelas pedreiras, até a construção dramaturgica proposta por mim, estão intimamente conectadas.

Ter experiência nem sempre será um fator decisivo e norteador para os desafios impostos pela vida. Tanto as pedreiras da vila como essa aspirante a dramaturga não tiveram preparos prévios, receitas ou manuais. Passaram da teoria para prática ao serem confrontadas com histórias reais, fortes, cotidianas, poderosas e tão potentes em suas particularidades que moveram, pulsaram, gritaram, falaram e estão em constante construção.

Lembro-me agora quando vi pela primeira vez aquelas mulheres colocando a mão na massa, estava passando de bicicleta e parei para admirar aquele trabalho tão singular, elas estavam erguendo as próprias moradias, seja por falta de políticas públicas ou tantos outros atravessamentos sociais, religiosos, patriarcais, machistas e dominantes, o corpo estremeceu, as mãos ficaram como se estivessem em brasas, queria contribuir de alguma forma com aquele encontro, no entanto, não foi possível, fiquei de espectadora atenta na construção daquela construção.

Continuei passando, mas elas não. Ao voltar para lá, para vila e para mim, tentando este reencontro, desta, que vos escreve como construtora de casas afetivas, dramatúrgicas, teatrais e saudosas que não tem mais palavras que descrevam as sensações daquele momento tão singular de construção de sonhos.

Ao tentar reavivar e reafirmar a memória por meio da escrita acadêmica e dramatúrgica lembro que “[...] a pesquisa em artes cênicas pode contemplar uma vertigem de conhecimento, um delírio possível, entendendo que a ciência é lugar de ousadia, ficção e memória” (BRAGA et al, sem indicação de ano, p. 197) e é neste lugar da pesquisa em arte que me encontro agora. Colocando estas histórias num caldeirão para serem cozidas, maturadas pelo calor do fogo para serem transformadas.

O trabalho aqui pretendido, ainda está em fase inicial, recolhendo informações, imagens, conversas, para compor um mosaico do que virá a ser uma dramaturgia construída a partir da história de vida das mulheres da vila e de suas construções objetivas, mas também subjetivas.

REFERÊNCIAS

DANAN, Joseph. **O que é dramaturgia?** Joseph Danan. Título original: Qu'est-ce que la dramaturgie? Tradução Luís Varela, Arles: Actes Sud, 2010.

LYRA, Luciana de F. R. P. de. **Guerreiras** / texto teatral Luciana Lyra ; trilha sonora original Alessandra Leão. São Paulo: Brascolor, 2010.

Dramaturgia feminista: Fogo de monturo e Quarança. 1ª edição. São Paulo: Giostri, 2017.

PAULA, Zuleide de. **Peixinhos: um rio por onde navegam um povo e suas histórias** / Zuleide de Paula. – Recife : MAGIS, 2009, 122 p.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro** / Patrice Pavis ; tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed – São Paulo : Perspectiva, 2008.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo** / Jena Pierre Ryngaert ; tradução Andréa Stahel M. da Silva. -São Paulo : Martins fontes, 1998.

TESES E DISSERTAÇÕES

ALMEIDA, Sofia Fransolin Pires de, 1995 - **Enquanto ninguém vê: Encarando a violência de gênero através do olhar de quatro dramaturgas** / Sofia Fransolin Pires de Almeida. – Campinas, SP :[s.n.], 2021.

MACHADO, Níve Fonseca. **Do Matadouro ao Nascedouro: a criação de novos espaços de participação juvenil.** 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MARTINS, Adriana Lobo. **Dramaturgia "de Marias": invisibilidades, resistências e feminismos na dramaturgia das mulheres e a nova geração, em três produções paulistanas/** Adriana Lobo Martins. - São Paulo, 2020.152 f. : il. color.

ARTIGOS

ALCURE, Adriana Schneider. **“Ninguém tem como falar da gente”:** políticas outras para o teatro contemporâneo. Revista sala preta, vol. 19, n. 2, p 210-221, 2019.

BRAGA, Bya.; FERRACINI, Renato.; TROTTA, Rosyane. **Pesquisa em artes cênicas.** Mesas temáticas. P 191-199.

EMIDIO, Jussyanne Rodrigues.; PEDROSO Luane. **Guerreiras Donzelas: uma experiência de teatro feminista para crianças.** Urdimento, Florianópolis, v.3, n.33, p. 142-156.

LYRA, Luciana de F. R. P. de. **Mitodologia em Arte Cênica: Diretrizes, pressupostos, princípios e procedimentos para criação.** VI Reunião científica da ABRACE – Porto alegre - 2011.

_____. **Engendramentos da cena feminista fiados pela trama da Mandala dramaturgica.** 13º Mundos de mulheres & fazendo gênero 11, transformações, conexões, deslocamentos, 2017.

_____. **Artetnografia e metodologia em arte:** práticas de fomento ao Ator de f(r)icção. Urdimento, v.1 n.22, p167 – 180, julho 2014.

PEREIRA, Júnia Cristina. **A particularidade em cena: o lugar da atriz/dramaturga no teatro.** Urdimento, Florianópolis, v3, n33, p.127-141,dez. 2018.